

ALPHASTOPHILES

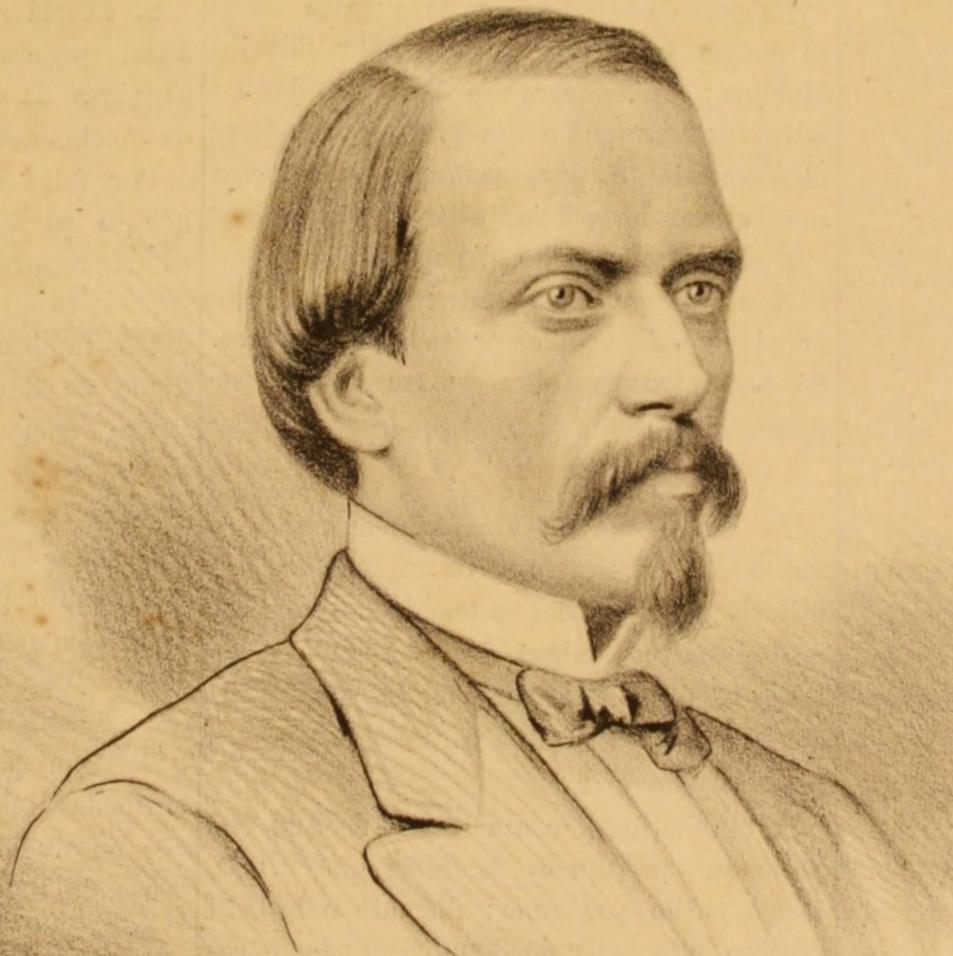
CORTE

Anno 16\$000
 Semestre 9\$000
 Trimestre 5\$000

PROVINCIAS

Anno 20\$000
 Semestre 11\$000
 Avulso \$500

RUA DA QUITANDA Nº 70



15 de Maio de 1875

Carissima Virgie!

Tereis notado que há um ou dois dias
 tenho estado excessivamente preocupado.
 Eu vós disse que alguns de meus amigos
 (só de nome) trahiram a fé que nelles
 depusitei, e lograram-me do modo o mais
 ultrajante. Sabereis que o Mauá,
 que deve ao nosso Banco mais de Rs. 3000,
 contos quebra amanha; Maylasky tem
 defraudado o nosso Banco (servindo-se
 de mim) em £ 55,000. Não posso viver
 para ver a calamidade, mas perco a
 cabeça ao pensar em vós, minha
 carissima Virgie, e em minha filhi-
 nha. (Que horrivel cousa!)

.....
 "Agora chegou o derradeiro ins-
 tante, já nada mais posso dizer-
 adeus para sempre. Vosso des-
 gracado

Augusto

AUGUSTO RIECKE

Não foi um suicida; foi um desgraçado; não
 foi um criminoso, foi uma victima de sua boafé.

RECADOS Á PENNA

Aos nossos assignantes.—Attendendo ás reclamações que nos foram feitas, começamos, de novo, a dar nosso jornal aos sabbados.

Assim o resolvemos por vermos que nossa tentativa de dal-o ás terças-feiras não foi bem aceita do publico.

Lembraremos tambem que não ficam de maneira alguma lesados os assignantes, visto que mesmo assim damos todos os 52 numeros em um anno.

Recebemos e agradecemos a offerta das seguintes publicações:

Senhora — perfil de mulher por G. M. e editado pelo Sr. Garnier.

Já sobre *Senhora* muito escreveram duas senhoras; além d'isto já é muito sabido que aquellas duas lettras são propriedade de José de Alencar.

Margaridas — poesias do Sr. Carneiro Vilella.

Da rapida leitura que fizemos d'este livro, ficou-nos muito desejo de rele-lo. Promettemos portanto mais de espaço occuparmo-nos das *Margaridas*.

A Doceira Domestica por D. Anna Correia.

Eis uma obra de utilidade incontestavel. Escripito em estylo facil e correcto, contém este livro receitas para tudo quanto é doce gostoso.

Recommendamos portanto ao bello sexo o livro que editou o Sr. Azevedo.

A Nação — Então incommodou-se com o que disse a Reforma a nosso respeito? Olhe, vá fazendo suas as palavras alheias e não se metta muito connosco. Nem sempre o seu padrinho a poderá valer.

Ao Sr. Linguarudo.— Bem bonitas, sim Senhor, as suas scenas; mas aquelle continúa é que botou tudo a perder. Não gostamos de scenas sem fim.

Ao Sr. Manus Ferrenhus.— Então, não gosta mesmo dos Ferriões, nem tão pouco do *Mequetrefe*? Quer tambem por meio de um, ferroar o outro? Não é? Pois, olhe, procure outro lugar onde possa despejar suas *ferrenhices*, porque o *Mephistopheles* gosta bastante de ambos.

Ao Sr. Augusto Brasilino.— Recebemos seus *Apanhados*

D'esta vez o Sr. apanhou pouco e receba por isso meia duzia de bolos.

Ao Sr. Alfredo Subtil.— Em a nossa secção especial dizemos o que pensamos.

Ao Sr. Roberto Corrêa.— Obrigado pelo convite e desculpe-nos a ausencia.

Ao Sr. Hugo Bussmeyer.— Será servido.

CHRONICA DA SEMANA

Rio, 19 de Junho de 1875.

E foi-se a crise!

— Foi-se! repetirá o leitor muito admirado da novidade, pois é certo, passou a crise e de novo volvemos á idade de ouro em que viviamos

naquelle engano d'alma ledo e cego

até o momento em que o Banco Nacional, fechando as portas, fez as aves de mau agouro clamarem aquelle tremendissimo vocabulo que tanto faz arripiar as carnes á gente:—Crise?

Qual crise, nem moia crise; o que tinhamos era falta de novidade de maior marca que fornecesse assumpto para todas as palestras, artigos de fundo para os jornaes que fazem politica e a pedidos para os que não fazem.

A crise foi uma invenção tramada entre os zangões e os gazetilheiros, gente que se diverte as vezes com o meter medo ao proximo.

Quem falla mais em crise!

O parlamento!—Esse discute a reforma eleitoral, magna questão da qual depende a salvação da patria, pois sem ella não se elegerão este anno os pares da dita.

Fui um destes dias á camara baixa, como se diz na Inglaterra, fallava o sr. Silveira Martins; dizia cobras e lagartos de um codigo militar que o governo mandou fazer d'encomenda e que, segundo me informa um mestre no officio, está obra papafina.

Pudêra! se foi feito d'empreitada!

Nunca o governo acertou tão bem como mandando fazer d'empreitada os codigos. Só assim teremos obra de mestre e... por pouco dinheiro.

A empreitada é uma grande cousa, e muito me admira que o sr. ministro do imperio que tão bem se tem dado com ellas, não ajustasse tambem de empreitada o catalogo da bibliotheca publica, que pelos geitos que leva é obra para estes dez annos mais proximos.

A Bibliotheca conta mais de 120.000 volumes, aos quaes accresce uns 2.000, termo médio por anno; durante o de 1874 recebeo ella mais de 3000. Segundo o relatório do sr. ministro do imperio, a commissão encarregada de confeccionar o catalogo, classificou em seis mezes 7.000 volumes o que equivale a 14.000 por anno, temos por conseguinte em 10 annos 140.000, isto é os 120 o existentes e mais os 20.000 que devem entrar no correr desse tempo.

Sirva isto ao menos de consolação; daqui a 10 annos teremos o cathologo da bibliotheca prompto. E não será sem tempo, a mais de meio seculo que esperamos por elle.

Caro cathologo! Imaginem só que nada menos de cinco bibliographos, presididos pelo bibliothecario, trabalham nelle; cada

um desses cinco bibliographos e mais um ajudante percebem 14:000\$000 por anno, que em 10 annos prefaz a somma redondinha de 140:000\$000, demos 20:000\$000 para papel, tinta, lacre etc., e pelo menos 40:000\$ para a impressão e teremos assim um cathologo pela bagatella de uns 200:000\$000, Uns 10:000\$000 menos que custou o predio onde a bibliotheca se aperta e espreme-se para dar espaço bastante ás accomodações do bibliothecario, que occupa com sua familia uma terca parte da casa.

O sr. ministro do imperio que mandou mudar os moradores das lojas do predio onde se acha o archivo publico, medida prudentissima para evitar as deploraveis consequencias de um incendio, mandou tambem preparar uma boa parte da casa da bibliotheca para residencia do bibliothecario.

São cousas! são cousas...

S. ex. lá sabe a razão porque as faz, assim como sabe o motivo porque pararam as obras da *monumental* escola do campo da Acclamação.

Por falta de dinheiro não é, pois, enquanto param aquellas obras, encetam-se as da reconstrucção do antigo edificio do *Club Fluminense*, que vai ser transformado tambem em escola por um plano digno de figurar na exposição da... China,

Ora com effeito! eu que tão admirador era do sr. conselheiro João Alfredo, eu que tanto o applaudi por ter ordenado a edificação da escola da Gloria, que é um monumento publico, por ter mandado ajardinar o campo e cercal-o com aquelle gradil, que honra a capital do imperio, por autorisar a feitura do salão do collegio D. Pedro II, que é um primor artistico consagrado ao culto das letras, ver-me agora obrigado a pôr em duvida o bom gosto e mesmo o bom senso de S. ex.!

Pois que! é para exclamar-se; o ministro que manda fazer essas obras grandiosas, que dota a capital com taes monumentos é o mesmo que authorisa a edificação de uma caricatura de escola na primeira das nossas praças e um remendo de architectura na segunda praça do municipio, onde se ergue uma das maiores estatuas equestres do mundo?!

Custa a crêr mas... é verdade.

**

Só o que não é verdade, posso affirmar-o porque por sua vez me affirmou tambem o sr. João Paulo, digno administrador da Typographia Nacional, é que s. s. escrevesse

relatorio algum á respeito de sua viagem á Europa, em visita aos estabelecimentos de impressão, como erradamente dissemos na chronica passada.

O sr. João Paulo não escreveu cousa alguma, não porque deixasse de coligir apontamentos e estudar bem ao fundo a questão, mas porque o sr. Benjamim Franklin, da bibliotheca publica, tomou-lhe a dianteira escrevendo um relatorio sobre as artes graphicas, o que na verdade foi muito mal feito; o sr. Bibliothecario devia-se contentar com o escrever a respeito das bibliothecas que foi para isso que o mandaram á Exposição de Vienna com a familia.

A familia foi-se divertir mas o sr. Benjamim foi aprender a arte de fazer cathalogs com *economia e presteza*. O sr. João Paulo que não levou familia, e foi incumbido de estudar os progressos da arte typographica, vio-se no entanto obrigado a embuchar o que lá aprendeu para não sobrecarregar o Estado com a publicação de dous relatorios sobre o mesmo assumpto.

*
**

A causa de não publicar o sr. João Paulo o seu relatorio, foi o não se ter discriminado bem as commissões de que cada um foi incumbido á exposição de Vienna; com a de Philadelphia não acontecerá outro tanto, pois, consta-nos que já estão designados os srs.;

Manoel Francisco Corrêa para estudar a arte de fazer discursos e organizar conferencias;

o sr. Rozendo Moniz para estudar os progressos da poesia entre os *yankees*;

o sr. Cunha Leitão para estudar a origem e desenvolvimento dos *puffs* e biographias anonymas.

o sr. Taunay a arte de se fazer bonito e parecer com o Rossi.

o sr. Campos de Medeiros e Albuquerque o systema das empreitadas de recenseamento.

De outras nomeações que já estão feitas mas não chegaram ainda ao nosso conhecimento, trataremos em occasião opportuna.

E por aqui fica:

EU MESMO

PELOS THEATROS

Reabrio-se o S. Pedro.

E' cousa que já todos sabem, mas não dita por mim, que tenho por obrigação dizel-o tambem.

Reabrio-se, pois, o S. Pedro, e com um drama de estrondo.

Desse drama já fallaram todos, desde o *Globo*, cujo noticiarista apenas teve tempo para examinar os adornos da sala, até o *Jornal do Commercio*, que descobriu agora uma nova tribuna que alli existe ha cerca de vinte annos.

E foi talvez por isso que não viram na scena o artista Guilherme de Aguiar, pois que o esqueceram na lista que deram dos nomes de actores da companhia.

E entretanto Guilherme de Aguiar não se perde ali. Consciencioso em todos os seus papeis, desde o juiz Maxwell no *Forca por Forca* até a mais in-ignificante farça representada no antigo Cassino, foi elle sempre artista, criterioso, consciencioso, commedido, afinado, respeitador da arte.

E Guilherme de Aguiar conserva-se o mesmo no drama *Noites da India*, fazendo com verdade, artisticamente, o papel que lhe foi distribuido.

Não é, pois, licito esquecer o nome d'elle quando se trata de um drama em que lhe hajam confiado um papel, por mais insignificante que este seja, como o do marido no *Antony*, por mais apalhaçado que o autor o desenhe, como o do grão-duque do *Amor e o Diabo*

Do mais que ha no drama trataram os collegas. Afóra esta lacuna, que eu preencho, que mais dizer?

E que mais dizer tambem do *Paralytico*, com que o Valle encetou as suas funcções no Pedro II?

Digo funcções e não representações, sem allusão alguma ao desempenho daquella peça, cujo ainda não vi; mas porque vejo dos annuncios que tem ella sido exhibida de mais turba com os bailados da companhia franceza e com as peloticas dos japonezes.

Não é desacertado o alvitre.

Uns vão ao theatro pelo *Paralytico*, outros pelos bailados, e outros finalmente pelos japonezes, havendo até não poucos que lá vão por uma certa *japona*, e deste modo vão todos.

E como todos vão, não fica vão no theatro.

Onde tambem creio que não será em vão que o Heller montará o seu *Colombo*.

E como o theatro ficará certamente cheio como um ovo, poderão todos vêr o notorio e afamado ovo de Colombo, posto em scena pelo Heller.

E depois do *Colombo* seguir-se-ha o *Ganganelli*, cuja autoria anda por ahi a despertar a curiosidade de muita gente.

O certo é que o theatro vai pondo as manguihas de fóra e o publico vai vendo no

theatro alguma cousa mais além de um divertimento futil.

Ainda bem.

Digo — ainda bem — com certeza de alguns esconjuros do *Apostolo* cujas penas aparam-se para aspergir fel sobre os que ousarem ir ás representações do *Ganganelli*, como succedeu e está succedendo em relação aos que vão vêr os *Apostolos do mal*.

Este drama é que, não obstante as iras do *Apostolo*, continúa a ser visto com agrado e com applauso.

Não obstante isto, tem a empreza em ensaios já os *Lazaristas*.

Venha elle, embora estoure o *Apostolo* da rua Nova.

No Alcazar deram-se varias edições novas da *Fille de Mme. Angot* e do *Petit Faust*

A nova edição desta ultima opereta servio para a reentrada de Mme Mathilde Delaunay. Apresentou-se este volume muito bem encadernadinho, e *doré sur tranche*.

Que mais quererá ella que se lhe diga?

Contente-se com isto, que é quanto posso dizer tambem ácerca da Sra. Moreau, edição em grande formato de uma nova *Mlle Lange*.

Tambem o *Nhó-Quim*, representado agora em não sei que *esima reprise*, tem tido já duas edições.

A' parte o assumpto da obra, agrada-me mais a edição Leonor... ai! aquelle fadinho!...

Quanto á encadernação é luxuosa, até mesmo a Sra. Zelia, embora mais apreciada pudesse ser o seu lindo vestido em outro papel. Em compensação o Sr. Martins, no seu vestuario parece mais um tropeiro da Cascadura em domingo de festa na freguezia, do que um filho de fazendeiro na côrte.

Um filho de fazendeiro, por maia *Nhó-Quim* que elle seja, veste-se sem elegancia, é possivel, mas não vai ao hotel Pariz em paletot sacco de riscado.

Isto, porén, nada quer dizer. O *Nhó-Quim* é um pretexto para um kankan e um fadinho; confiado este á Sra. Leonor e aquelle á Sra. Zelia, o successo é infalivel.

AO DEUS DARÁ

Tudo n'este mundo tem a sua compensação.

Desde que Azais me ensinou esta verdade que adoptei o systema de viver *ao Deus dará*. E' um meio de vida como outro qualquer e, si tem inconvenientes, tambem tem suas compensações.

Alem d'isto tive sempre minhas tendencias



SITUAÇÃO DA PRAÇA

Senhor

O Mephistophelus, conscio de que os genidos que n'este momento solta o nosso commercio angustiado, são abafados antes que tenham subido todos os degraus do vosso throno, vem respetosamente offerrecer a V.M. Imperial o presente quadro.

para a vida sem preocupações e sem trabalhos e, si algum dia já desejei ser condecorado tive sempre em mira o *habito* de nada fazer.

Vivo, pois, completamente alheio ao mundo e, si ás vezes alguém me pergunta:—O que ha de novo?—Respondo invariavelmente:—Tudo é velho.

Mas, talvez por fatalidade, aconteceu-me ultimamente encontrar, durante todos os sete dias de uma semana, o mesmo individuo que invariavelmente me perguntava:—Então; o que ha de novo?—Ao que invariavelmente eu respondia:—Ora; tudo é velho.

No setimo dia, porem, pensei commigo (pessoa com quem sempre penso) que o meu individuo podia reparar na minha invariavel resposta, si bem que fosse ella provocada por uma invariavel interrogação. Depois de assim ter reflectido, resolvi variar a minha resposta e foi com esta firme resolução, mas sem ter pensado no que lhe havia de dizer, que sahi de casa. Atravessei incolume toda a rua do Theatro e Largo de S. Francisco; mas, ao chegar a rua do Ouvidor, achei-me cara á cara com o meu individuo que bradou-me logo:

— Então; o que ha de novo?

— De novo.... pois não sabe que.... o ministerio.... está um pouco embalçado?

— Sim, eim?... pois olhe, muito estimo; mas....

— E' o que dizem. Eu não afianço.

Isto dito, fui logo me despedindo do meu cabrion, antes que novas perguntas me trouxessem novo embaraço.

Livre da minha *Interrogação*, entrei em casa do Castanheira o homem que mais profissões exerce n'esta terra. Além de barbeiro —perfumista e cabellereiro — cigarrista, é uma verdadeira gazetilha, barbeei-me, frizei-me, muni-me de charutos e cigarros e sahi.

Andei, virei e mechi de maneira a achar-me poucas horas depois de novo em casa do dito Castanheira que, cheio de contentamento, assim me saudou:

— Então; não sabe?

— Ha alguma novidade?

— Ora, pois, não sabe que cahiu o ministerio!

— Mas porque diabo lhe causa isto tanta alegria?

— Pois o senhor não me chama e homem — gazetilha?... Si assim é, devo alegrar-me sempre que tenho uma noticia para dar aos meus freguezes; além d'isto muita gente ha de fumar com a noticia e quanto mais se fumar mais charutos hei de vender.

— Mas, voltando ao caso, está o senhor bem certo que cahiu o ministerio?

— Ora; já o novo está organizado e bem organizado!

E começou o homem a contar tudo pelo miudo e eu a saborear os resultados de algumas palavras que pronunciára por terem sido as primeiras a me virem á lembrança.

Mas, emfim, conservei-me em silencio e deixei-o discorrer, sobre a nova organização ministerial.

Mas, meu Deus, que embrulhada! que charrivari! quanto contrasenso em a nova organização.

Tudo estava alterado. A pasta da fazenda tinha sido substituida pela — pasta das *pattotas*; era ministro o Sr. Zacarias que só a aceitára a muita instancia do Sr. Sayão Lobato!

A pasta da justiça succedeu a do *chingamento* preenchida pelo Sr. de Nictheroy.

Passou para a dos estrangeiros o Sr. Silveira Lobo (que calamidade!)

O Sr. Joaquim Delphino fez — *changez de paste* — com o Sr. Costa Pereira.

Não tiveram pasta os Srs. Gusmão e Rozendo Moniz e Sr. João Alfredo, o unico bem de raiz do ministerio, ficou-se ainda com a do imperio.

Comecei a ter remorsos da minha levianidade em pronunciar uma phrase que tivesse inspirado tanta composição e decomposição ministerial, mas em compensação tive occasião de apreciar todas as transformações de um boato proferido embora entre tantas reticencias; e tive além d'isso o prazer de fazer em uma hora o que as camaras não tem podido conseguir em mais de seis annos.

Hoje não ha mais ministerio que me resista. Com um passeio a rua do Ouvidor e uma phrase dita á esmo deito por terra toda uma carregação de ministros; por isso preciso aconselhar os meus leitores que vão á casa do Castanheira, fumem-lhe os charutos, comprem-lhe toda a pomada, mas dêem sempre quarentena ás suas noticias e nunca peçam novidades a

E. DE H.

AGUEDA E GASPAR

I

OS NOMES

Agueda e Gaspar.

Dous nomes que mais parecem indicar duas cousas do que duas pessoas.

Dous nomes asperos, mas que por isso mesmo parecem feitos um para o outro.

Dous nomes que só deve a gente pronunciar Romeu e Julieta, Fausto e Margarida, Heloisa e Abellard.

E tanto mais que ninguem os chamava assim.

Guida, era este o nome por que a conheciam.

Quanto a elle, era o Gasparinho.

E, pois, Guida e Gasparinho são os nomes dos heróes de um episodio que eu vou contar, um episodio da vida de ambos.

II

A SEPARAÇÃO

Tinham sido ambos felizes nos seus amores.

Nunca uma sombra ligeira toldou aquelle céu de venturas, sempre azul, sempre sereno, sem nimbus, nem cumulos, tão calmo e tão tranquillo como qualquer céu de cama.

Foram felizes até o dia em que se separaram.

Ou antes: foram felizes até na separação.

Ella, porque sentia já satisfeito o seu capricho; elle, porque já não encontrava nella as seducções que o tinham prendido.

Deu-se o acontecimento como se houvesse precedido commum accordo.

Tinham acabado de almoçar, como almoçavam todos os dias, contentes e com appetite,

E como todos os dias faziam depois que almoçavam, elle tomou o chapéo e a bengala, ella estendeu-lhe a mão, acomodou-o até á porta, trocaram um beijo, um olhar, um sorriso, e...

E separaram-se.

III

GASPAR ENTROU

Passou-se um anno, talvez mais, sem que elle lá voltasse, sem que ella o procurasse.

Aconteceu algumas vezes passarem um pelo outro, encontrarem-se em algum passeio, ou no theatro, e até no bond.

Mas succedeu tambem que não se viram: elle, distrahido talvez em olhar para a scena, ou para alguma outra dama que passava, ou com a conversa de qualquer passageiro; ella por motivos iguaes talvez.

Um dia, porém, voltava elle da repartição, e por acaso passou pela rua em que ella morava.

Por acaso tambem, Guida estava á janella.

Desta vez viram-se um ao outro.

Era costume antigo de Guida esperar Gasparinho á janella.

E era tambem costume de Gasparinho, desde que voltava o canto da rua, caminhar olhando para a janella de Guida.

Como antigamente faziam, sorriram-se.

Ao approximar se Gasparinho á porta, Guida recolheu se.

Gaspar entrou.

IV

IPSIS VERBIS

O leitor espera a descripção de uma scena de effusões intimas, talvez de recriminações, de lagrimas, e em seguida a paz.

Pois nada disso tudo houve,

Como se Gasparinho tivesse sahido pela manhã e voltasse áquella hora, consoante era costume seu, entrou sem apparatus algum, e do mesmo modo recebeu-o Guida.

Um aperto de mão, um beijo na face, e eis tudo.

Feito isto, Gaspar depôz o chapéo e a ben-

gala, e como o jantar estava na mesa, jantaram.

Durante o jantar, conversaram de tudo e a proposito de tudo, menos da sua separação.

Dir-se-hia que esse acontecimento não se havia dado, ou pelo menos que nenhum delles se apercebera de tal.

Chegaram até a fallar no espectáculo da vespera, a que tinham ambos assistido, sem se terem visto, e no emtanto fallavam da peça e do desempenho como se tivessem estado sentados a par um do outro na representação.

A noite foram ao espectáculo.

E tão occupados de si, tão inconscientes da sua reconciliação, que nem repararam na estranheza causada nos que os viam de novo juntos.

Terminado o espectáculo voltaram á casa, e recolheram-se, calmos, tranquilos, como era de habito recolherem-se um anno antes.

E' de crêr que do mesmo modo que então... também dormissem.

V

REPETIÇÃO

No dia seguinte, depois que almoçaram, elle tomou o chapéo e a bengala, ella estendeu-lhe a mão, acompanhou-o até a porta, trocaram um beijo, um olhar, um sorriso, e...

VI

FIM, OU PRINCIPIO?

Separaram-se como um anno antes
E como um anno antes elle não voltou mais.

Ha dias, no Alcazar, encontrei Guida.

Perguntei-lhe por Gasparinho.

— Está bom, respondeu-me ella.

No dia seguinte, encontrando Gasparinho, perguntei-lhe por Guida.

— Está bôa! respondeu-me elle.

No emtanto, desde aquella ultima vez, Agueda não encontrou mais Gaspar, nem Gaspar, entrou mais em casa de Agueda.

SPHYNX JUNIOR.

PARA ENCHER LINHAS

Dinheiro chama dinheiro—por isso é que lá se foram mais uns mil contos para o illustre visconde da *moratoria*. O nosso deposito em Montevidéu desappareceu da noite para o dia, como por encanto.

E' mais um pequeno desfalque para o thesouro e mais um logro para o Sr. Paranhos, que, segundo dizem, com esta é que não contava, o que faz pensar que das outras tinha certeza.

Mas isto não quer dizer nada; o thesouro, que já escarrrou 8 mil contos, pode muito bem espirrar mais esses mil, e o Sr. Paranhos que continue a depositar *toda a confiança* no Sr. Mauá.

Sanccionou-se afinal o subsidio. E' mais um allivio para o thesouro; mas, muito melhorou o commercio: cresceram as enchentes no Alcazar e muito fundo que andava por baixo, levantou-se. Pintou as barbas o Sr. Fernandes Vieira, o Sr. Anisio mudou de roupa, e talvez o Sr. Taunay corte a cabelleira.

Só por esta ultima circumstancia eu pagaria de bom grado dez vezes mais impostos. Porque talvez os leitores ignorem, mas, assim como Samsão tinha a força nos cabellos, n'elles tem o Sr. Taunay a inspiração dos seus romances; e, se o novo subsidio viesse ser a sua Dalila, que allivio para a humanidade!

Mas, qual!... O Sr. Rozendo não ha de ficar sózinho.

Até que achou o *Globo* um folhetinista! E foi um bom achado esse do *Globo*. O Sr. G. M. está mesmo talhado para correr parelha com o Sr. Gonzaga do *Diario*. Sómente o Sr. G. M. parece ser mais feliz na escolha de seus assumptos, e por isso é que elle tanto elogiou a distincta brasileira professora da «*cousa*» no collegio Aquino.

Como era de prever, foi na *cousa* que os alumnos mais se distinguiram.

Nem podia ser por menos: quasi sempre *ça vient tout seul*, quanto mais havendo uma distincta professora.

Agora reparo: o folhetinista serve-se para a sua assignatura de duas iniciaes que são *propriedade* do Sr. José de Alencar.

Prometto um vintem ás almas, se o conselheiro em desafronta de seus fóros armalhe um processo a Guarany.

E os Srs. Fay e Keller? pois os endiabrados não se evaporaram do dia para a noite, ou antes da noite para o dia, como verdadeiros espiritos do espiritismo?

Taes são as cousas deste mundo! o mais profundo silencio hoje contrastando com o grande barulho que fizeram quauda appareceram!

Que espelho para o Sr. Gusmão Lobo! Se era um trabalho artistico o do homem amarrado, lacrado e sellado, não deixa tambem de ser o da mulher que falla ao domingo com tres cabeças e aos dias de semana com uma só, mas como a infeliz faz-se

ouvir em uma barraca do campo por dous tostões ninguem falla nella! Pois affirmo que quem fôr vel-a terá isto a seu favor: ver o espectáculo ás claras, pagar pouco, não metter empenho para pilhar uma entrada e ver folgado, sem apertos para entrar, sem empurrões para sahir.

Vão vêr, que vale a pena.

Admirou-se o *Mequetrefe* que o Sr. Pereira da Silva, o heróe das conferencias, ignorasse em quantos estados se dividiram os diversos vice-ruinados hispano-americanos.

O que dirá nosso collega quando souber que o deputado Sbral Pinto foi para Louanda pensando que ficava perto de Lisboa? *Lapsus... que lapsus* será este?

INTRUSO.

PROFISSÃO DE FÉ DE UM ESPIRITISTA

Minha vida é vagar por essas ruas,
Gastando o santo dia em frioleiras;
Trago funda a barriga, e todo anno
N'uma *crise bancaria* as algibeiras.

Tenho certas tendencias communistas
Um pouco de fidalgo e de cigano;
Dava um bom senador, um deputado.
Um ministro de truz, se não me engano.

Não gosto do trabalho. Penso e creio
Que um homem no trabalho se envilece;
Só me acordo se o dia vai bem alto,
Mas me deito se o sol desapparece.

Sou bonito rapaz. O figurino
De um gentil *belchior* eu sigo á risca,
Quando estou entre moças—digo graças,
E canto como gallo e jôgo a bisca.

A's vezes deito verso ás raparigas,
E as estrellas dirijo castos hymnos,
Sou isso que se chama em boa phrase
—Um vadio de força, um valdevinos.

Tenho queda ao namoro, é meu defeito,
Confesso sem rebuço este pecado;
Mal veja por ahí moças bonita,
Fico logo por ella enrabichado.

Não estudo, nem penso; mas se quero
Da sciencia tambem seguir a trilha,
Invado um botequim, leio, consulto
Do *Jornal do Commercio* a gazetilha.

Sou, por tanto, feliz com minha sorte,
E no mundo me julgo um grande artista,
Acredito em feitiço, em maus olhados,
E faço profissão de—espiritista.

C.



Volto de novo aos
sábados fregueses.
Não me dei bem
com as tuças e mais
uma vez ficas sabendo q'
que - ou revient á ses pre-
miers amours.

- Então que providencias pretende tomar o ministério para a questão religiosa?

O Mephistopheles tambem pediu moratoria aos assignantes.

- Gra; nenhuma. Pois é só isto que ainda o prende ao poder.



Mestre Parambos a ver se pesca mais um rotinbo para a eleição indirecta. (Que não dê com os burros ração)



- Mas papai porque tanto clamor contra o S^o Maná? Um homem que tem prestado tantos serviços ao país!
- Muitos serviços, é verdade tem obtido tudo quanto é privilegio que sempre vendeu por muito bom dinheiro.

Como se resolve suavemente nossas questões diplomaticas; O thesouro aplacina tudo. E digam ainda que não temos diplomas!... E clamam contra o silencio do ministerio!